



AMILIO CASTELO

BRANCO

O MORGADO
DE FAZE

PQ
9261
C3M63
1865

O MORGADO DE FAFE

EM LISBOA

COMEDIA EM DOIS ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA II

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52

1865



Imprensa de J. G. de Sousa Neves, rua do Caldeira, 17

PERSONAGENS



O BARÃO DE CASSURRAENS

A BARONEZA DO MESMO TITULO

D. LEOCADIA, filha do Barão

O MORGADO DE FAFE, ANTONIO DOS AMARAES TINOCO

LUIZ PESSANHA

FRANCISCO DE PROENÇA

JOÃO LEITE

ANTONIO SOARES

UM JUIZ

UM ESCRIVÃO

DAMAS. Denominadas 1.^a, 2.^a e 3.^a

UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
C3M63
1865



ACTO I

Sala ricamente guarnecida.

Algumas mezas occupadas por pessoas que jogam

SCENA I

BARÃO e BARONEZA DE CASSURRAENS, D. LEOCADIA, AS TRES
DAMAS, LUIZ PESSANHA, e FRANCISCO DE PROENÇA.

(Ao correr do panno ouvem-se as ultimas notas do alegre de uma aria que D. Leocadia canta acompanhando-se ao piano.)

VOZES (dos que jogam e dos que estão na frente da scena.) Muito bem! excellentemente! deliciosamente, minha senhora!

PESSANHA. (A D. Leocadia, que sahe do piano.) Cantou angelicamente, prima Leocadia.

PROENÇA. E o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que tocava.

D. LEOCADIA. Já ouviram cantar os anjos?

PESSANHA. Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

A BARONEZA. (Aparte.) Que palavreado!

PESSANHA. Vossas excellencias, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram d'aquelle amor que nos repassa a alma das musicas de Amphião e Orpheu.

D. LEOCADIA. (*Ironica.*) Sublime, magnifico, primo!

1.^a DAMA. Os meus anjos cantam muito desafinados.

2.^a DAMA. Os meus constipam-se nos gelos da alma.

A BARONEZA. Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

PROENÇA. Foi uma bella idéa, a de sua sobrinha, senhora baroneza... (*Á 3.^a dama.*) E os anjos de v. ex.^a?

3.^a DAMA. Os meus foram todos escripturados para cantarem no coração da prima Leocadia.

D. LEOCADIA. Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou sceptica, estranhamente sceptica.

PESSANHA. Sceptica, prima!? Que blasfemia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providencia lhe alumia o que para outras almas se esconde em trêvas.

BARONEZA. Ó primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

PESSANHA. A vaidade, prima baroneza, é um adorno das almas distinctas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

BARONEZA. Assim será; mas eu não gósto de ouvir expressões inconvenientes... Que é estar ahí a fallar em anjos que se constipam, em anjos escripturados?! Forte irreverencia!

D. LEOCADIA. Não se falla dos anjos do céu, minha mãe, é dos anjos dos poetas que descem muitas vezes do céu para o inferno d'este mundo.

AS TRES DAMAS. (*Rindo e fallando simultaneamente*):

1.^a É verdade, prima Leocadia.

2.^a Os anjos dos poetas são assim.

3.^a Disseste divinamente, menina.

A BARONEZA. Crédo! que fallaríó as meninas fazem!

PESSANHA. É novidade, prima... Deixe-as deprimir os poetas, que o incenso não as enjôa.

A BARONEZA. Olhe, primo, contra os poetas acho eu que

tudo o que se diz é pouco, porque os poetas d'agora já nem sequer servem para entreter senhoras n'uma sala. No meu tempo, quando eu era muito menina, sim, aqui ha quinze annos, pouco mais ou menos, os poetas eram uma gente divertida, que alegrava a boa sociedade, glosando motes em decimas e sonetos que todo o mundo entendia. No meu tempo havia em Braga quatro conegos, poetas de mão-cheia. Que poetas aquelles!... Ai! que saudade!... Os d'agora são todos assim pelo gosto de Antonio Soares, que diz uns versos que não fazem chorar nem rir. E o que mais me espanta e aborrece é estas meninas a dizerem: *muito bem! sublime! bravo!* Como se percebessem os versos melhor do que eu, e...

PESSANHA. E que o author... talvez queira dizer, prima.

A BARONEZA. E os que elle recita ao piano!? Que modas! acompanhar os versos com polkas!

D. LEOCADIA. (*Impaciente*). Oh mãe! Olhe que não vá elle entrar e ouvir! Eu acho os versos de Antonio Soares lindissimos, inspirados, ardentes de paixão...

PESSANHA. (*A meia voz.*) Bravo! que entusiasmo!... (*Alto.*) Deve saber, prima baroneza, que a linguagem do coração tem seu progresso, como a linguagem das sciencias. N'uma época sentimental como a nossa, o vocabulario do poeta deve ser d'este mundo o menos possivel.

A BARONEZA. Olhe primo Luiz Pessanha, eu como fallo a linguagem d'este mundo, não entendi bem o que me disse, sou franca.

PROENÇA. Modestia, modestia, senhora baroneza...

A BARONEZA. O que eu quero é que a minha Leocadia seja mais temperada no fallar, e que estas meninas se pareçam com sua mãe, que Deus haja, que era uma senhora acabada a todos os respeitos.

AS TRES DAMAS (*simultaneamente*):

1.^a Está cruel, a tia baroneza!

2.^a Não desculpa nada! a gente ha de ser muda!

3.^a Quer por força que sejamos velhas no alvorecer da vida.

A BARONEZA. Vejam, vejam que mau costume as meninas teem de chilrearem todas ao mesmo tempo! Hei de ralar, quando o merecerem, porque as amo. Sua mãe, se fosse viva, havia de dizer-lhes o mesmo.

O BARÃO. (*Da meza onde joga.*) Ó Felizarda, o chá demorasse. São sete horas e meia.

A BARONEZA. Esperavamos o João Leite e o amigo que elle quer apresentar; mas eu dou as ordens. (*Sahe.*)

PESSANHA. (*Despeitado.*) Estou maravilhado, prima Leocadia!

D. LEOCADIA. De quê, primo?

PESSANHA. (*Ironico.*) Dos inspirados, lindissimos e ardentess versos de Antonio Soares.

D. LEOCADIA. Pois não são!? Triste coisa! Porque Antonio Soares não é rico, até o talento lhe querem desdenhar!

SCENA II

OS MESMOS, JOÃO LEITE, A BARONEZA, e O MORGADO DE FAFE

A BARONEZA. (*Sahe d'uma porta lateral, quando os recém-vindos assomam á porta do fundo.*) Aqui está o senhor João Leite.

D. LEOCADIA. Que singularidade de homem é aquillo?

LEITE. (*Conduzindo o morgado ao barão, que se levanta.*) Sr. barão, eu tenho a honra de apresentar a v. ex.^a o meu particular amigo e um dos mais distinctos e abastados cavalleiros da nossa provincia, o senhor Antonio dos Amaraes Tinoco Albergaria e Valladares, morgado de Fafe.

O BARÃO. Muito fólgo de receber n'esta casa o sr. morgado, e estimarei que a frequente com a familiaridade que torna precisas e agradaveis as relações. Quando chegou da nossa bella provincia?

O MORGADO. Cheguei ha tres dias pela estrada a vapor, e acho que é bem engenhada aquella idéa. (*Os dois ficam gesticulando.*)

LEITE. (*Às damas, a meia voz.*) O meu amigo é um puro provinciano, minhas senhoras. V. ex.^{as} terão de suffocar algumas vezes o riso, porque o morgado tem a rustica franqueza da ignorancia, e entra pela primeira vez n'uma sala cerimoniosa. (*Recúa.*)

O BARÃO. Senhor morgado, aqui lhe apresento minha mulher.

O MORGADO. Passasse muito bem.

O BARÃO (*Recuando.*) Minha filha..

O MORGADO. Passasse muito bem. É gallantinha, benza-a Deus.

O BARÃO. Estas tres meninas, todas irmãs, minhas sobrinhas, filhas do meu primo o conselheiro Alberto de Menezes, que se acha n'aquella meza. (*Cumprimentam-se; o morgado tem seguido acanhadamente o barão, de sorte que se acha fóra do grupo das damas, quando entra Antonio Soares.*)

O MORGADO. Passassem inuito bem. São bonitas creaturas. (*Riem-se à socapa. D. Leocadia e a baroneza conversam. O grupo da direita avança o mais que pôde.*)

O BARÃO: O sr. Francisco de Proença. Meu primo Luiz Pessanha. (*Entra Antonio Soares*) e o senhor Antonio Soares que vem entrando. (*Movimento de Leocadia.*) Ao senhor Antonio Soares tenho a honra de apresentar o senhor morgado de Fafe.

SCENA III

OS MESMOS E ANTONIO SOARES

(*Antonio Soares com os bigodes aguçados pela cêra, e a luneta pensil, faz rir descompostamente o morgado.*)

O MORGADO. (*A Soares que o fita carrancudo.*) O senhor ha de perdoar, mas não sei o que me parecia.

SOARES. O que pareço eu ao senhor?

O MORGADO. (*Rindo.*) Que ratão!

SOARES. (*Aos circumstantes.*) Este homem é parvo?

O BARÃO. (*Á parte.*) Parece-o.

LEITE. Senhor morgado!...

SOARES. De que ri o senhor?! Acabemos com isto!

O MORGADO. É d'esse arranjo em que o senhor traz a fisionomia da sua pessoa. V. s.^a, se fizer assim, (*Sacode a cabeça*). Deus nos livre, ficava a gente com os bigodes. Santo nome! Isso parecia coisa d'aleijão. E as cangalhas aqui assim!... (*Mencionando o proprio nariz*). Que ratão.

SOARES. Quem trouxe aqui este mentecapto?!

(*Os que jogam suspendem o jogo para observarem.*)

LEITE. (*Entre elles.*) Fui eu, e pedirei ao sr. Antonio Soares que não se offenda de um gracejo cuja intenção é inoffensiva. (*Passa ao barão.*)

O MORGADO. (*Com seriedade.*) V. s.^a chamou-me mentecapto. Mentecapto, pelos modos quer dizer tolo. Eu não vou á parede, esteja descançado. É ditado velho — aonde se dão, ali se apanham.—Mas o sr. ha de acreditar uma coisa que eu vou dizer: pareço tolo, mas não sou, não sou, acredite.

SOARES. N'esse caso é grosseiro, (*Movimento geral*) e deveria ter pedido, a quem o apresentou, que o civilisasse primeiro. (*A's damas.*) Peço perdão, minhas senhoras. (*Agitado.*)

A BARONEZA. (*Mostrando-se afflicta.*) Eu estou banzada e perplexa!

O MORGADO. (*Gravemente.*) A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior. Palavra d'honra que me regalei de o ver assim ao senhor, e ri-me pensando que o senhor gostava de que se risse a gente. Não cuidei que o senhor vinha assim amanhado de cara para a gente estar sério. Mas á vista d'isso, perdoará.

(*Entram os criados com bandejas de chá e doce. Soares vai a uma bandeja tomar uma chavena e dá-a a D. Leoca-*

dia. Proença e Pessanha fazem o mesmo ás outras senhoras. O morgado vae tirar uma chavena da bandeja ao criado da direita.)

O BARÃO. *(No meio d'elles.)* Está dada a satisfação; vamos ao chá. *(Sóbe.)*

LEITE. *(A' baroneza.)* Eu sinto amargamente este desgosto, senhóra baroneza.

A BARONEZA. Foi bem feito. Não gósto d'este peralvilho. Não se afflija por isso.

D. LEOCADIA. *(A Soares que lhe offerece a chavena.)* Incommodam-te as chocarrices de um idiota?!... Vamos fazel o nosso bobo... Has de rir muito á custa d'elle.

SOARES. Escreveste o requerimento?

D. LEOCADIA. Já está na mão do escudeiro para ser-te entregüe. *(Sentam-se as damas.)*

O BARÃO. Senhor morgado, sirva-se de doce.

O MORGADO. *(Servindo-se.)* Venha de lá isso. *(Tira uma mão-cheia de biscoitos que vae sopeteando na chavena, posta commodamente sobre os joelhos.)* Vm.^{te} que quer? *(Ao criado que está junto d'elle com a bandeja do assucareiro.)*

CRIADO. Se precisa assucar...

O MORGADO. Bote mais uma colhêr d'elle. *(Gargalhada de Soares, e riso mal reprimido das damas.)* Olá! o senhor já se ri! Ainda bem! Estava d'ahi a inguiçar-me com os *ludios* por detrás das vidraças, que nem me prestava o chá... Olhe lá se eu me zango porque o sr. se ri de mim! Venha de lá outra, se me faz favor. *(Toma segunda chavena de chá.)*

LEITE. *(Á parte.)* Estou vexadissimo! *(Sóbe e desce.)*

O BARÃO. *(Galhofeiro.)* Nada de cerimonia, sr. morgado.

O MORGADO. Ceremonia! Ora essa! Então o sr. barão ainda não sabe com quem está fallando! *(O criado vem offerecer-lhe doce.)* Eu lhe vou contar uma passagem da minha vida. *(Ao criado que serve o doce.)* Chegue cá o sólido. O melhor é pôr o taboleiro em cima d'esta tripeça. *(O barão sóbe para*

conter o riso. O morgado pucha para junto de si o banquinho do piano.)

A BARONEZA. (*A's damas que reteem difficilmente o riso.*)
Scio ! scio !

O MORGADO. Deixe rir as moças. Eu quando vou a alguma casa não é para fazer chorar ninguem.

PESSANHA. Vamos á passagem da sua vida, senhor morgado.

O MORGADO. (*Com a bocca cheia.*) Lá vou já. Este doce não está mal amanhado. A como se vende o arratel d'isto cá em Lisboa, ó sr. Leite ?

LEITE. (*Com enfado.*) Não sei, nem a occasião é agora opportuna para similhantes averiguações. Trataremos depois d'isso.

O MORGADO. Quando o caminho de ferro chegar a Fafe, hei de mandar ir d'estas cavacas em quanto estão frescas. Ó sr. João Leite, o senhor, que eu fiz deputado, e mais os meus caseiros e foreiros, porque não arranja um caminho de ferro para Fafe ? ! V. ex.^{as} (*A's damas.*) podiam aqui comer em Lisboa batatas muito boas, e baratissimas. A como pagam os senhores cá na capital o milho e os feijões ?

(*Leocadia ergue-se.*)

1.^a DAMA. Conte-nos a passagem, senhor morgado... estamos anciosas.

O MORGADO. Estão ? (*Erguendo-se.*) Ora eu vou contar. Ha de haver dez annos que eu fui ao Porto para contractar o meu casamento com o pae de uma menina, que, não desfazendo em ninguem que me ouve, tinha um palmo de cara que se podia vêr ; tocava realejo, e dançava o *solio inglez* e a *gaivota*, que eram poucos os olhos da cara *p'ra verem*. Deu-me no gôto a moça, e resolvi casar-me. É verdade que lá no Porto diziam que o pae fazia em casa o dinheiro que lhe era preciso para os seus gastos ; mas isso que tinha ? ! Fazer dinheiro é um modo de vida que não me consta que deslizesse casamento

em parte nenhuma... Pelo contrario, meu mano frade diz que tem feito muito.

AS TRES DAMAS (*ao mesmo tempo*):

1.^a Pois casou?

2.^a Ah! casou?!

3.^a Ditosa esposa! Oh! quanto a invejo!

O MORGADO. Fallam todas á pancada! Ora, diga lá cada uma por sua vez o que tem na idéa.

3.^a DAMA. Eu disse que invejava a sorte da sua esposa.

A BARONEZA. (*Descendo.*) Menina! (*Com severidade.*) Seja comedida no seu entusiasmo, e não interrompa.

O MORGADO. Liberdade de imprensa, minha rica senhora. Deixe-a fallar. Eu não casei com a tal menina, minha senhora.

AS TRES DAMAS (*fallando simultaneamente*):

2.^a Ah! não!

3.^a Trahiu-o, talvez; que injustiça!

1.^a E que mau gosto!

O MORGADO. Não ha que vêr; são como as rãas; em fallando uma fallam todas.

SOARES. (*Aparte, a D. Leocadia*). É muito grosseiro!

O BARÃO. Deixem fallar o senhor morgado, meninas.

O MORGADO. Chamava-se Maria, a menina; mas ella gostava que lhe chamassem Marcia, porque Marcia é poetico; e lá a casa do pae d'ella ia um poeta jantar que lhe chamava Marcia. Estava marcado o dia do casamento, quando fui jantar a casa de meu sogro. A noiva ficou á minha esquerda, e estava vermelha como uma ginja. Era a innocencia, pelos modos; mas eu cuidei que seria indisposição de dentro, e perguntei-lhe se estava intoirida com o jantar. Disse-me que não tinha provado nada; e eu, cuidando que era fraqueza o seu mal, botei-lhe ao prato uma perna de Perú. E que ha de ella fazer? Ergue-se assarapantada, e foge. O que é, o que não é, que será, erguem-se todos; uns vão, outros

vem, tudo se meche menos eu, que fiquei comendo o peito do Perú, bocado por que sou doido. Tratei de saber o que tivera a moça. Vi o poeta e perguntei-lhe: «O senhor sabe dizer-me o que teve a sr.^a D. Marcia?» Que ha de dizer-me o homem? A menina retirou-se porque v. s.^a a envergonhou com a perna do Perú.» — «Homem, essa! — disse-lhe eu — Aposto que o senhor poeta, lá nos seus versos, lhe disse que uma menina innocente devia envergonhar-se da perna d'um Perú?!» No dia seguinte, meus caros senhores, escrevi uma carta ao pae de Marcia, dizendo-lhe que em minha casa se comia muita somma de Perú, e que eu não estava para ir atrás de minha mulher todas as vezes que viesse á meza um Perú com pernas.—Em quanto a mim, a moça fugiu envergonhada de vêr que eu comia á portugueza, ao passo que o poeta e outros que lá estavam, com os guardanapos postos á laia de babeiros, diziam uma coisa, que elles chamavam *espichos*, do tamanho da legua da Povoá, e lavavam os dedos n'uma tigella d'agua, que eu ia bebendo, por não saber que é moda agora fazer da meza lavatorio. Isto veiu ao caso de dizer que não sou homem de cerimoniaes. Como em casa dos amigos em quanto tenho vontade, e quem vae á minha casa ha de comer até lhe tocar com o dedo. As meninas querem d'isto? (*Puxa de um cartuxo de rebuçados que quer repartir aos punhados.*) São d'avenca legitimos; trouxe-os do Porto. Sirvam-se. (*As damas, suffocando o riso, sahem de corrida da sala.*)

A BARONEZA. São creanças, senhor morgado, não faça caso.

O MORGADO. Agora faça! Não faça, não senhora. Coma v. ex.^a, se quizer.

A BARONEZA. (*Tomando um rebuçado.*) Agradecida. Eu vou reprehendêl-as.

O MORGADO. Deixe-se d'isso que perde o tempo. Isto de senhoras só se castigam bem com as disciplinas do deus Cu-

pido. (*A baroneza sahe rindo.*) Até a sua velha se ri, senhor barão. É uma santa mulher, acho eu.

SOARES. É um typo!

PESSANHA. (*Ironico.*) É um homem unico, sr. morgado! Invejo-lhe o espirito e a felicidade!

O MORGADO. Quer rebuçados?

O BARÃO. Joga, sr. morgado?

O MORGADO. A bisca de nove e o trinta e um.

O BARÃO. *Voltarete* ou *boston*, não quer?

O MORGADO. Hei de aprender isso, amanhã fallaremos.

O BARÃO. Pois conversem, que as meninas vem já. (*Sobe á mesa do fundo com Soares e vão sentar-se ao jogo, Proença retira para o interior.*)

SCENA IV

O MORGADO. JOÃO LEITE, e OS QUE ESTÃO JOGANDO

LEITE. Senhor morgado, tem dito coisas que não parecem suas.

O MORGADO. Pois ahi tem! O senhor cuidava naturalmente que eu vinha á capital aprender a fallar ás senhoras!... Nós, lá em Fafe, estamos civilizados.

LEITE. Pois em nome da civilização de Fafe, é que eu peço a v. s.^a que modere a sua lingua.

O MORGADO. Pelo que vejo, quem vem a Lisboa ha de moderar a lingua! Acho que o diz bem, e que o faz melhor, sr. Leite. É por isso que o senhor, desde que entrou nas côrtes, não disse palavra. Ha de ser por isso. O meu amigo sr. Leite, quando fallava aos *convicios* populares, lá na nossa terra, fallava pelos cotovellos. Mas isto cá, pelos modos, muda muito de figura. Pois dou-lhe a minha palavra de honra, que, se eu fosse deputado, havia de fallar quando fosse preciso, e mais não estudei grammatica nem mathematica. Um bom de-

putado tem sempre que dizer. Eu tanto pedi ao senhor que arranjasse cá com o governo a passar-me a estrada á porta, mas o senhor não fez caso, nem respondeu á carta do boticario que lhe pedia um habito de Christo... Palpita-me que v. s.^a não torna cá...

LEITE. Fallaremos a esse respeito opportunamente: o que eu agora encarecidamente lhe peço é que não falle tanto, nem dê aso a que se riam de v. s.^a—As suas excellentes qualidades, regidas pela prudencia e comedimento, habilitam-no a dar-se na sociedade uma posição digna do seu nascimento e riqueza. Em Lisboa pezam-se as palavras, e o provinciano, que se não cohibe, é sempre alvo do escarneo.

O MORGADO. Com que então em Lisboa pezam-se palavras! É por isso que o senhor ainda não deu meia oitava d'ellas nas camaras... (*Rindo e abraçando-o.*) Isto é chalaça, meu janota... Não se assuste. Em quanto eu fôr vivo, ha de o senhor ser sempre deputado; mas não se esqueça d'aquelles *thermometros* d'estrada em que lhe fallei... O senhor o que tem?! Está a scismar, com um semblante tão assombrado! Isso, em quanto a mim, é paixão d'alma por alguma das feiçoeiras cá da casa... Diga a verdade...

SCENA V

OS MESMOS e FRANCISCO DE PROENÇA

PROENÇA. (*A Soares, que está junto d'elle.*) Aceita estas cartas, Soares; eu volto já. (*Ergue-se e vem para junto de Leite. O morgado vae folhear um livro que está sobre a jardineira.*) Ainda não tive occasião de perguntar-te o que passaste hontem com Leocadia.

LEITE. Nada.

PROENÇA. Não lhe fallaste?

LEITE. Não pude. Sou um idiota ao pé d'esta mulher. Não

me atrevo a dizer-lhe palavra que não seja uma puerilidade ou uma inconveniencia.

PROENÇA. A coisa mais parecida com um tolo é um homem de talento apaixonado.

LEITE. É uma paixão de creança esta minha.. Leocadia comprehendeu-me, e augmenta caprichosamente o meu embaraço com o olhar interrogador que me lança...

O MORGADO. Ó sr. Leite. (*Levanta-se.*) Este author chamado *Ro us se au x* de que trata? É da molestia do gado vacuum?

LEITE. (*Abstrahido.*) Não, não é.

O MORGADO. É porque está aqui *episode*, e pensei que isto queria dizer *epizothia*.

PROENÇA. (*Rindo.*) É impagavel este homem! Cuido que o mandaste buscar á provincia para te distrahir.

LEITE. Refinou na sandice, desde que chegou a Lisboa. Tem-me vexado aqui hoje, e o ridiculo d'elle pôde reflectir em mim aos olhos de Leocadia.

PROENÇA. Não é issø natural; pôde ser até que Leocadia te agradeça este debique... Vamos, animo! Sahe d'esta posição equivocca; declara-te.

O MORGADO. É segredo?

LEITE. Não senhor.

PROENÇA. Se não queres dizer-lho, escreve-lhe. Posso asseverar-te que tens a estima da baroneza, e a do barão has de conquistal-a por intermedio da filha.

LEITE. E poderei disputal-a ao primo e ao Soares?

PROENÇA. Não ha rival invencivel. A mulher que tem mais de um adorador, mostra que não lhe agrada nenhum. Se se deixa incensar por dois, é porque espera o incenso de um terceiro.

LEITE. Leocadia é uma mulher excetrica.

PROENÇA. Por isso mesmo.

LEITE. Todas as vezes que eu encaminho a conversação

de modo que a declaração occorra naturalmente, ella adivinha-me, e interrompe com alguma phrase desdenhosa, que me deixa... que me deixa...

O MORGADO. Atrapalhado?... Eu logo vi que o senhor estava namorado da filha do dono da casa. Já vê que não sou tolo...

PROENÇA. (*Risonho.*) É verdade, sr. morgado. O nosso amigo está apaixonado pela sr.^a D. Leocadia, mas não lho diz. Que remedio daria v. s.^a a isto?

O MORGADO. O remedio é dizer-lho; pois então?

PROENÇA. Vês, Leite. Aqui tens uma opinião illustrada que corrobora a minha.

O MORGADO. Pois cá em Lisboa é moda a gente não dizer a uma moça que a ama, quando sente no interior o fogo da sympathia?

PROENÇA. O amor sublime tem estas exquisitices, meu caro senhor. E v. s.^a nunca se sentiu acanhado ao pé da mulher querida?

O MORGADO. Eu não, senhor. Digo-lhe tudo o que me vem á idéa, e, se me ficam a talho de fouce, beijo-lhe a mão, e caio de joelhos, como se faz na comedia; é o meu systema. O sr. Leite sabe o que eu tenho feito lá por Fafe; elle ahí está que o diga... O senhor conhece a Theresinha do Aidro, e a Joanna do Reguengo de baixo...

LEITE. (*Sorrindo.*) Muito agradecido á sua bondade...

O MORGADO. O ratão já se ri. Já está com melhor ar... Pois diga á menina que lhe quer bem, e o mais deixe-o por minha conta... Quer o senhor uma coisa? Digo-lh'o eu.

LEITE. (*Rindo.*) Muito agradecido á sua bondade...

O MORGADO. Isto é sério... os amigos conhecem-se nas occasiões.

SCENA VI

OS MESMOS, A BARONEZA, D. LEOCADIA, AS TRES DAMAS
e PESSANHA

A BARONEZA. Desculpe-nos a demora, sr. morgado. A estes cavalheiros não farei igual pedido, porque são amigos íntimos e tolerantes.

O MORGADO. Estiveram a ceiar, naturalmente... Eu vou logo fazer o mesmo.

A BARONEZA. Não senhor, é porque uma das meninas teve um ligeiro insulto nervoso.

O MORGADO. Insulto nervoso acho que é o mesmo que *faniquito*... Ella tem razão... Aposto que foi esta! (*indica Leocadia.*) Eu bem sei que ella ha de viver amofinada...

D. LEOCADIA. Eu?! Porque?

O MORGADO. Eu bem sei, magana... Nós fallaremos. O amor é como as toupeiras, que se não dão bem com a luz do dia... Veja se me entende...

D. LEOCADIA. Eu? Não! Que sabe? Diga...

O MORGADO. Sei o que a menina sabe, mas finge que não sabe, porque sabe que... sim a menina bem sabe que... (*Leite pucha-lhe pela aba da casaca.*) O senhor rompe-me!

AS TRES DAMAS (*ao mesmo tempo*):

1.^a Diga, diga o que é.

2.^a A Leocadiazinha não sabe nada.

3.^a Diga, diga, sr. morgado!

O MORGADO. Isso ha de ser só a ella...

D. LEOCADIA. A mim só! Ai que graça! quer propor-me casamento...

A BARONEZA. (*Severa.*) Menina! que palavra é essa! Nem por graça consinto que uma menina profira semelhante expressão! Estão estragados os costumes antigos.

O MORGADO. Agora estão! faz ella muito bem em querer casar, e o noivo é como se quer... (*Leite não cessa de puchar-lhe as abas da casaca.*) O senhor quer que eu fique de jaqueta, pelo que vejo... Que graça tem isso de me estar a romper!?

LEITE. (*Baixo.*) Calle-se.

O MORGADO. E está morto que eu falle...

D. LEOCADIA. Então que quer dizer-me, sr. morgado? sou toda ouvidos.

O MORGADO. Com licença d'estes senhores, faz favor de chegar aqui... (*Querendo affastar-se do grupo.*)

A BARONEZA. Perdõe v. s.^a, mas eu não consinto que minha filha oiça segredos que sua mãe não possa ouvir.

O MORGADO. O casamento é com ella, não é com a senhora.

(*Soares tem-se, desde o principio da scena, aproximado do grupo.*)

AS DUAS DAMAS :

1.^a Parabens, Leocadia!

2.^a Viva o sr. morgado de Fafe!

SOARES. (*Á parte.*) Que torpe farça é esta!

O MORGADO. Alto lá! não é comigo o arranjo.

D. LEOCADIA. Ai! não? que pena!

A BARONEZA. Ó menina, tu estás desenvolta! Olha que eu imponho-te o silencio das indiscretas!

D. LEOCADIA. Ora deixe-me rir, mamã! que tem que eu chore a perda de uma illusão?! Hei de assistir calada, sem soltar um gemido, ao funeral da minha mais cara ambição? (*A baroneza, com arremêço, passa ao grupo das tres damas, que sobem.*)

O MORGADO. Falle, falle, menina, que eu tambem já lhe disse a elle que fallasse.

D. LEOCADIA. A elle?! quem?

LEITE. (*Enchugando o suor.*) Que vexame!

O MORGADO. Olha a fazer-se tolinha! Ora vamos .. Não seja ingrata a quem tanto lhe quer... (*Tomando-lhe a mão.*) Tenha-lhe amor, qual outra Ignez de Castro.

D. LEOCADIA. Amor! A quem?

O MORGADO. (*Levando-a ao pé de Leite.*) Venha cá... dê-lhe a mão, que elle é bom moço, e tem uma boa casa... seus paes hão de dar o seu consentimento...

LEITE. (*Atribulado.*) Este homem enlouqueceu... Minha senhora, peço-lhe acredite... que eu... de modo nenhum...

O MORGADO. Deixe-o fallar, que elle está cego de paixão pela menina... Aquillo é vergonha... Ali está aquelle (*Indicando Proença.*) que sabe tudo.

SOARES. (*Com vehemencia tragica.*) A farça acaba aqui, senhores! Eu acceito o encargo honroso de desforçar uma senhora e uma familia de bem, ridicularisada por um truão. Quero que se me diga se este homem é um doido, para ser entregue aos cuidados da policia, ou se tem bastante senso-commum para acceitar a responsabilidade da zombaria com que enxovalha uma familia respeitavel.

O MORGADO. (*Serenamente.*) Este homem é comediante?

SOARES. (*Ao morgado.*) Responda-me: encarregaram-nod'este papel, ou o senhor é um mentecapto sem imputação?

O MORGADO. Você parece-me tolo, homem! A perguntar-me se eu sou doido! Aposto que se lhe perguntarem a elle se é doido, diz que não!...

O BARÃO. O sr. Soares não tome tanto a serio o que não passa de brincadeira de uma noite. Este senhor tem um genio folgasão, e desconhece um pouco as conveniencias; mas nenhuma pessoa d'esta familia se dá por ultrajada, e o zelo do sr. Soares é exaggerado, com quanto digno do nosso reconhecimento.

SOARES. Acceito a correcção; mas consintam v. ex.^{as} que eu me desaffronte do insulto que me diz respeito. Eu sou offendido na parte mais nobre da minha alma. Este homem

é um inepto que serve apenas de instrumento; a mão, porém, que o impelle, ha de erguer uma luva.

O MORGADO. O homem é um trapalhão... mistura luvas com instrumentos... Que diabo quer elle?

A BARONEZA. Meninas, saíam da sala. Isto vae-se tornando bastante immoral. Retirem-se. (*Sahem.*) Eu tambem me retiro consternada, estimando que este desagradavel incidente termine de modo que a candura de minha filha não fique polluida. Sr. Leite, com minha filha não se brinca, veja se me entende... Boas noites. (*Sahe.*)

SCENA VII

O MORGADO, O BARÃO, SOARES, LEITE, PROENÇA. e PESSANHIA.

O MORGADO. Boas noites; até amanhã se Deus quizer.

SOARES. O sr. barão sabe que eu amo sua filha.

O BARÃO. Sei que m'a pediu para sua mulher. Respondi que não; é o que sei, e não sei mais nada.

SOARES. Pois bem; a sr.^a D. Leocadia sabe o resto.

PESSANHIA. O resto!

O MORGADO. É verdade... o resto! Isso tem que se lhe diga, acho eu.

SOARES. E o sr. Leite não é estranho ás minhas intenções a respeito da sr.^a D. Leocadia, porque eu lhas communiquei para o poupar á triste figura que tem feito.

O BARÃO. E o sr. Soares não é estranho ás intenções de meu primo Luiz Pessanha a respeito de minha filha; e a favor d'elle é que a minha vontade está decidida.

SOARES. Mas a vontade de v. ex.^a pôde ser uma violencia, e eu hei de defender a opprimida, em quanto puder, contra a tyrannia de quem quer que seja.

O BARÃO. O sr. Soares enlouqueceu. As suas iras estão a

provocar o riso... Modere-se, e não me obrigue a lembrar-lhe que estou em minha casa.

SOARES. Eu vou sair, mas é preciso que nos entendamos. Fui aqui ultrajado n'esta sala, e não sahirei d'aqui sem saber a quem hei de pedir amanhã uma satisfação. (*O barão encolhe os hombros e desce, para subir o morgado.*)

PESSANHA. (*Galhofeiro.*) Quererá o sr. Soares bater-se commigo?

SOARES. Com o senhor e com quantos forem.

O MORGADO. (*Dando um passo para Soares.*) O senhor é um basofio! Cá por mim não imbarra, porque... cuidadinho...

O BARÃO. (*Entre os dois*) Tenha a bondade de accommodar-se, senhor morgado...

O MORGADO. (*Rindo.*) Eu estou accommodado, sr. barão... Não se assuste... (*A Soares.*) Pegue lá um rebuçado, e cale-se.

(*O barão sóbe para fallar a Luiz Pessanha.*)

SOARES. O senhor é um parvo!

O MORGADO. Este menino precisa de criação, por mais que me digam. E eu não se me dava... sim... eu não se me dava de... á falta d'homens... (*Faz em si o tregeito de puchar-lhe uma orelha.*)

SOARES. Sr. Leite, amanhã ouvirá de dois amigos meus o que é intempestivo dizer-lhe aqui.

LEITE. Com quanto eu regeite a responsabilidade das inconveniencias proferidas pelo sr. morgado, com grave desgosto meu, não poderei receber senão agradavelmente os amigos do sr. Antonio Soares. Querendo eu, porém, que sua senhoria tenha causa justa para desafiar-me, dir-lhe-hei na presença d'estes cavalheiros, que, aspirando eu ao coração de uma senhora, cujo nome respeito muito para proferil-o, e sabendo que v. s.^a concorria commigo nas mesmas aspirações, nunca lhe daria a consideração de julgal-o meu rival.

O MORGADO. Fallou bem.

SOARES. Esse novo insulto...

O BARÃO. Acabem com isto, senhores; vão discutir na rua a gravidade dos insultos. Não consinto que o nome de minha filha esteja aqui servindo de mote para altercações. (*Sóbe.*)

O MORGADO. Apoiado! apoiado! Tambem sabe o que diz.

SOARES. Eu queria dizer ao sr. Leite, que, em resposta ao seu novo insulto, fóra d'esta casa assentar-lhe-hia na cara a mão sem luva.

LEITE. (*Sahindo.*) Sr. barão, meus senhores, boa noite. (*Soares faz menção de sahir.*)

O BARÃO. Os senhores não sahirão juntos.

SOARES. Estou que o sr. Leite acceitará a proposta, que é de summa prudencia.

LEITE. (*Risonho.*) Far-lhe-hei eu medo, sr. Soares?

O MORGADO. Medo! A quem? a isto! (*Chega ao pé de Soares.*) O senhor vá-se embora; vá com Deus... Mude-se quanto antes, que eu já não o enxergo bem...

SOARES. Não me toque, miseravel lôrpa, que me suja.

O MORGADO. (*Esfregando as mãos.*) Está-lhe o corpo a pedir folia... Não ha remedio...

SOARES. Hei de soval-o na rua; se não encontrarar adversario mais digno...

O MORGADO. Na rua?... Vamos lá... (*Toma-o debaixo do braço.*) Vá quieto, menino, olhe que me pica com os bigodes...

(*Rodeiam-no todos; cahe o panno.*)

ACTO II

Outra sala em casa do barão de Cassurraens

SCENA I

D. LEOCADIA *fazendo menção de ler, e AS TRES DAMAS*

1.^a DAMA. É muito linda poesia!

2.^a DAMA. Que frescura de phrase!

3.^a DAMA. Que sabor tão oriental!

D. LEOCADIA. E que paixão, não é assim?

AS TRES DAMAS. De certo! Apaixonadissima! Inspirada!

D. LEOCADIA. Soares é um genio. É um milagre do espirito! A alma, bafejada pelo halito vulcanico d'aquelle seio, sente-se grande e atrevida, não acham?

AS TRES DAMAS. (*Acotovelando-se.*) De certo.

3.^a DAMA. Ó menina lê-nos as duas coplas ultimas que são tão harmoniosas e sentimentaes?

D. LEOCADIA. Pois sim, leio. (*Lê.*)

Quando entre nuvens scintilla
Como em olho de sybilla...

2.^a DAMA *Como em olho de sybilla...* é lindo!

3.^a DAMA. Arrebata!

1.^a DAMA. *Como em olho... que vaporoso de phrase!...*
Continúa menina.

D. LEOCADIA. (*Lendo*):

Quando entre nuvens scintilla,
Como em olho de sybilla,
A fulminante pupilla
Do meu casto seraphim,
Mago effluvio, odor ceeste,
De minh'alma onde desceste,
Vae ao céo d'onde vieste
Entre nuvens de sel'im.

(*Declama.*) Tão lindo! não é?

1.^a DAMA. Se é!

2.^a DAMA. Endoidece-se de admiração!

3.^a DAMA. Eu morria de amores por um homem que me
escrevesse isso.

D. LEOCADIA. Esta não lhe é inferior. (*Lê*):

Electrizam-se-me os seios,
Seios d'alma, em devaneios,
Respondendo aos teus anceios,
Flor, inveja dos jardins!
No teu labio o coral ri-se,
Todo amor, todo meiguice,
Todo céo, todo denguice,
Todo rir de cherubins.

1.^a DAMA. Tenho-te inveja, priminha! Assim, comprehen-
de-se que uma mulher sacrifique ao talento, riquezas, glo-
rias vãs da terra, a vontade dos paes, o futuro, tudo!

D. LEOCADIA. É sacrificio, eu, mulher para quem as outras
olham com o desdém da estupidez, devoradas de invejas.

Hei de desmentir, com a minha abnegação, os que dizem que a mulher do seculo troca a liberdade de sua alma pelas carruagens, *toilettes* deslumbrantes, pelo orgulho ephemero dos salões, por uma noite de sabir rainha de casa da modista para as magnificencias de um baile. As primas sabem que diante de mim se correm as cortinas de tres futuros. O primo Luiz Pessanha é um rapaz rico. Invejam-m'o na melhor sociedade rivaes de primeira ordem. Todos os regalos da opulencia me esperam n'este casamento. Sei que sou amada por elle até ao delirio. O meu casamento seria uma fortuna para duas familias, e a desesperação das minhas rivacs. Não importa. Regeito o primo Pessanha, porque não ha n'aquella alma o fogo, o extasis, o amor doido e vertiginoso de Antonio Soares. Aparece-me João Leite, que não ousa inda na minha presença balbuciar a declaração do seu amor; mas eu tenho a profunda convicção de que elle, no momento em que um meu sorriso complacente o anime, irá pedir-me a meu pae. João Leite, além de rico, é deputado, e será brevemente ministro. Não importa. Entre mim e João Leite está uma imagem poetica, ideal, e desprendida das mesquinhas glorias da terra. Vejo Soares, amante como o Tasso, e arrobado como Camões, apontando-me para o céu da poesia em que as nossas almas se devem vêr á luz da bemaventurança do amor.

1.^a DAMA. Estás arrebatada, menina!

2.^a DAMA. Perdida!

3.^a DAMA. Para que a interrompem! Era um gosto ouvil a!

D. LEOCADIA. Expandi-me! Sinto-me melhor! Precisava que me ouvissem este protesto contra o materialismo do seculo. Queria que me escutasse muita gente, e que o rubor do pejo subisse ás faces das mulheres para quem o talento, o estro e o poeta não passa de um adorno do *Jardim das Damas*, ou do *Almanak de Lembranças*, queria que...

SCENA II

AS MESMAS e A BARONEZA.

A BARONEZA. Menina, teu pae vem aqui fallar-te sobre negocios de grande peso. Vê como te portas.

D. LEOCADIA. A mamã poderá dizer-me o que são negocios de peso?

A BARONEZA. É um negocio serio; está dito tudo.

D. LEOCADIA. Negocios comigo, não sei quaes sejam; salvo se querem outra vez affligir-me com casamentos impossiveis. Se é para isso...

A BARONEZA. E se fôr para isso, indiscreta?

D. LEOCADIA. Sustentarei a dignidade de mulher e a liberdade do coração.

A BARONEZA. Esqueces que fallas com tua mae, Leocadia?

D. LEOCADIA. Não, minha senhora, não esqueço que fallo a minha mãe; lembro-lhe apenas que posso acceitar o seu desprezo e a morte, mas não o suicidio lento. Mulheres como eu, morrem e vingam-se.

A BARONEZA. Esse palavriado não é teu, Leocadia. Tens a cabeça cheia de versos; masahi vem teu pae responder á tua bacharellice. Se te não mandassem ensinar grammatica franceza e geographia, havias de ter outras idéas a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pae... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler sómente o necessario para te encommendares a Deus. Elle quiz por força fazer de ti litterata, e o resultado é isto que se vê... Agora elle que responda aos teus discursos... Elle ahi vem.

SCENA III

OS MESMOS, O BARÃO e O MORGADO

O BARÃO. (*Fóra.*) Faz favor de entrar, morgado. A toda a hora é bem-vindo. (*Na scena.*) Aqui está o nosso bravo, que sabe ensinar creanças, e dar o seu a seu dono.

O MORGADO. Isso são favores, senhor barão, Ora viva a senhora baroneza e mais a bella sociedade. Está melhorsinha do seu flato, a menina?

D. LEOCADIA. Agradecida, estou melhor, e v. s.^a como está?

O MORGADO. Assim, assim. Não me dou bem com as comidas de Lisboa. Lá na minha hospedaria põem-me na mesa umas iguarias á franceza, que não tem senão casca e molho. A gente come d'aquellas fritangadas, e fica com vontade de comer e o estomago derrancado. Nós cá, os portuguezes, sabemos comer muito melhor que os estrangeiros. Os francezes, por exemplo, não sabem o que é arroz de pato. As senhoras já comeram arroz de pato?

O BARÃO. Pois não! em minha casa usa-se muito. Está v. s.^a convidado para jantar hoje connosco. Ha de ter o seu manjar favorito.

O MORGADO. A que horas se janta cá em casa?

O BARÃO. Á hora regular.

O MORGADO. Á uina hora? É do que eu gósto. Cá em Lisboa é costume jantar-se á hora em que eu ceio na minha terra, das cinco p'ras seis.

O BARÃO. Pois essa é justamente a nossa hora; mas em attenção ao sr. morgado jantar-se-ha mais cedo.

O MORGADO. Não senhor, tudo se arranja; eu vou jantar á minha hora, e venho ceiar ás seis com o senhor.

O BARÃO. Que tem feito n'estes tres dias, que não appareceu?

O MORGADO. Ora, que hei de eu ter feito? Vamos a descansar o corpo. (*Senta-se.*) Sente-se, sr. barão. Isto quem andou não tem para andar. Já cá estão os meus quarenta e tres feitos.

A BARONEZA. Ninguem o ha de dizer! Está muito bem conservado; parece um rapaz!

O MORGADO. Eu sei-me tratar, senhora baroneza. Nunca tive senão duas doenças graves: dôres rheumaticas nas canellas, e a espinhela cahida. De resto, aqui não entra nada. Quantos annos tem a senhora?

A BARONEZA. Eu?... tenho... não me recordo... devo ter... pouco mais ou menos...

O MORGADO. Ha de ter os seus cincoenta, para cima, que não para baixo.

A BARONEZA. (*Vexada*). Não tanto... não tanto, sr. morgado...

O MORGADO. Não? Pois olhe que está bastante avelhada, mas gordinha... Acho que não come á franceza... faz muito bem.

O BARÃO. Vamos a saber o que tem feito o sr. morgado?

O MORGADO. Eu lhe digo: o tal sujeito dos bigodes desafiou o João Leite, já sabia?

O BARÃO. Não sabia. Pois effectivamente houve duello?

O MORGADO. E havia muita mostarda, se não fosse eu.

O BARÃO. Conte-nos isso.

O MORGADO. O tal espinafre do Soares...

D. LEOCADIA. (*Erguendo-se irada.*) Senhor!

O BARÃO. Isso que é, Leocadia?

D. LEOCADIA. Acho indecoroso que estejam dando epithetos ridiculos a um cavalheiro que já frequentou esta casa.

O BARÃO. Não lhe concedo reflexões. Retire-se d'esta sala.

A BARONEZA. Modera-te, modera-te, Manuel Francisco. Senta-te, Leocadia, e escuta em silencio; mas bom será que

O sr. morgado não offenda as pessoas de que falla. A civilidade é a mãe das intimidades agradaveis.

D. LEOCADIA. Se a mãe me concede licença, retiro me.

O BARÃO. Agora ha de ficar. Quero que assista ao ridiculo da suas affeições indignas de si e de mim.

O MORGADO. Leva rumor! Isto não vae a ralar. A senhora disse agora que a civilidade era a mãe dos agradados.

A BARONEZA. Das intimidades agradaveis... não corrompa.

O MORGADO. Pois eu corrompo?! Nunca corrompi ninguem. A senhora não sabe os meus costumes. Eu acho que o tal Soares é um *espinafre*. *Espinafre*, lá na minha terra, chamam-se uns valdevinos sem casa nem Leira, que trazem as mãos no ar com bulla do Papa, e que vem a este mundo como vem as ortigas e o arroz dos telhados, que não prestam p'ra nada. Ora ahí está o que eu queria dizer na minha de *espinafre*.

O BARÃO. Disse muito bem... não dê satisfações; faz favor de continuar.

O MORGADO. Lá vou; mas aquella menina *incavacou* por eu dizer *espinafre*!

O BARÃO. Não faça caso, morgado. Minha filha está passando por uma época de loucura, que hoje mesmo ha de fazer crise... Queira dizer.

O MORGADO. Ella está a chorar; não digo mais nada.

D. LEOCADIA. É de indignação que eu choro! Não esperava que meu pae quizesse forçar-me ao ridiculo d'esta scena.

AS TRES DAMAS (*Levantando-se, e fallando alternadamente*).

1.^a Não te afflijas.

2.^a Não faças caso.

3.^a Deixa fallar.

1.^a Que triste coisa!

2.^a Sê forte.

3.^a Não chores, priminha!

O MORGADO. (*Á parte*). Que ingresia!

A BARONEZA. Vamos, meninas. Vem, Leocadia, tens razão.

SCENA IV

O BARÃO e O MORGADO

O MORGADO. Tenho pena d'ella, coitada! Em quanto a mim, a moça tem paixão d'alma pelo tal troca-tintas! Deu-lhe p'ra lí a pancada...

O BARÃO. É uma cegueira; mas espero que hoje se lhe abram os olhos.

O MORGADO. Isso não é mau; e se não é segredo, diga lá como ha de ser isso de lhe abrir os olhos.

O BARÃO. Conto com a sua discrição, morgado, e não duvido dizer-lhe o que ha, porque já sei quanto v. s.^a fez em obsequio ao meu nome, embaraçando que o desafio tivesse algum resultado funesto.

O MORGADO. Ah! então o senhor já sabia, e estava a fazer-se tolo...

O BARÃO. Sabia; mas queria que minha filha se envergonhasse de ser a heroína da historia.

O MORGADO. (*Espantado*). De ser quê?! Faz favor de dizer outra vez essa palavra.

O BARÃO. A heroína da historia que o morgado ia contar.

O MORGADO. A heroína! Pois sua filha é heroína! Oh! isso é má coisa!

O BARÃO. Talvez que o sr. morgado não ligue á palavra a justa idéa. *Heroína* quer dizer, no nosso caso, *motivo* dos successos vergonhosos que se deram.

O MORGADO. Ah! Agora percebo. É porque meu mano frade, quando diz muito mal d'uma nossa parenta que tem muito maus costumes, chama-lhe *heroína*... É uma heroína! diz elle. Agora já sei o que quer dizer *heroína*; *verbim gracia*,

se eu quizer dizer que não venho cá jantar por motivo de não estar bem do estomago, posso dizer: por *heroína* do estomago. O senhor ri-se? Ninguém nasce ensinado, meu amigo. Eu alguma coisa hei de vir aprender a Lisboa.

O BARÃO. Vinha eu dizendo, que conheço e reconheço os favores que v. s.^a me fez, obstando ao desafio. Sei que o morgado se apresentou no Campo grande, á hora em que deviam bater-se Soares e João Leite. Sei que os quiz quietar com boas rasões, e que chegou a ameaçal-os...

O MORGADO. De dar tanto n'um como n'outro pancada de crear bicho, isso é verdade; e se não se accommodam, os taes ferrunchos com que se queriam furar um ao outro, haviam de ir em cata d'elles com as canas dos braços.

O BARÃO. Sei que depois, o infame Soares, para convencer o auditorio de que tinha direitos de preferencia ao coração de Leocadia, apresentou um masso de cartas, e teve o despejo de lêr uma em que minha perdida filha o authorisava a tirar-m'a judicialmente. Sei mais, que o morgado lhe quiz arrancar as cartas, o que de certo faria, se as testemunhas do duello se não oppozessem vigorosamente a isso...

O MORGADO. Estava eu para bater em todos; mas n'este comenos chegou um rancho de mulheres, que vinham em passeio de burrinhos, e acabou-se a pendencia.

O BARÃO. Tudo sei. Agora saiba o meu amigo, que fui avisado de que vem hoje aqui o juiz buscar minha filha para deposito, a requerimento d'ella para casar com Antonio Soares.

O MORGADO. Que me diz?! Quer o meu amigo que eu a leve para o Minho?

O BARÃO. Mil vezes grato ao seu novo obsequio; ha remedio menos violento e mais salutar. O meu amigo verá como vem a terra todos os castellos que o pobre visionario levantou na sua phantasia, e terá occasião de vêr como são

as paixões d'estes peralvilhos, que vêem as mulheres através da riqueza dos paes.

O MORGADO. Acho que é bem feito; mas se vir que a moça não tem juizo, eu vou leval-a a minha casa, e entrego-a ao mano frade, que é um santo varão. Lá ha de ser tratada como uma princeza. Tenho a casa petrechada á moderna, e agora quando fôr hei de levar um piano e outros instrumentos, para quando eu casar, ter a mulher com que se entretenha.

O BARÃO. Pois tenciona casar brevemente, morgado?!

O MORGADO. Não sei quando isso será; isto de mulheres é preciso escolhê-las com vagar, il-as estudando e examinando á medida que vão apparecendo. Não ha remedio se não casar tarde ou cedo, porque não quero que o vinculo de meus avós passe para parentes. Tendo uma casa de lavoura, que rende quinze mil cruzados limpos e seccos, e quero deixal-a ao meu sangue.

O BARÃO. (*Á parte.*) Que idéa!

O MORGADO. Eu, não se me dava de casar, á proporção, com uma menina de boa gente, e que tivesse um palmo de cara sympathicô, porque, a fallar a verdade, uma mulher bonita é coisa boa, sr. barão, e eu já li na novella de um grande mathematico, que o homem sem mulher é como o peixe fóra d'agua, e o meu mano frade é da mesma opinião.

O BARÃO. Assim o entendo tambem eu. A vida de casados é o unico estado em que, n'este mundo, se encontra a solida e verdadeira felicidade. Anda muito acertadamente, casando, meu amigo, e a senhora que o merecer, ha de ser forçosamente feliz. Oxalá que a fortuna me depare a minha filha, marido tão digno como v. s.^a

O MORGADO. Isso são favores, senhor barão. A sua filha é creatura galante, e quando Deus me castigar, seja com ella assim. Mas, se quer que lhe diga, acho-a viva de mais.

Meu irmão frade diz que as mulheres *ideotas* não provam bem...

O BARÃO. Mas minha filha não é idiota.

O MORGADO. Quero dizer... *ideota*, que tem lá umas idéas desarranjadas...

O BARÃO. Mas isso é uma grande injustiça que o morgado faz a Leocadia. Minha filha é uma menina esmeradamente educada. Tem talento e leitura; mas os dons do espirito não prejudicam as boas qualidades do coração. Se a vaidade de pae me não engana, ousou prophetisar ao homem que esposar a minha Leocadia, uma vida venturosa.

O MORGADO. *Um...* não me cheira, e ha de perdoar. A sua filha tem pancada, e tem mau genio. Não a viu ainda agora assanhada como uma cobra?

O BARÃO. Mas não viu com que docilidade ella obedeceu e chorou arrependida do seu impeto de mau genio? Creia que minha filha tem uma boa alma, e os cuidados de esposa hão de tornal-a branda, affectuosa, e boa para todos.

O MORGADO. Não acho isso muito bom para um marido, sr. barão. Se eu fosse o marido, queria que ella fosse boa só para mim. Eu cá penso assim.

SCENA V

OS MESMOS e UM CRIADO

CRIADO. O senhor Pessanha pergunta se v. ex.^a pôde fallar-lhe.

O BARÃO. Que entre. Precisa annunciar-se?

CRIADO. Quer fallar com v. ex.^a particularmente, por isso me mandou saber se era occasião de o receber.

O BARÃO. Condul-o á sala do meio. (*O criado sahe.*) Se v. s.^a me dá licença, vou fallar a meu primo. Creio que será assumpto de muito desgosto para mim. Demora-se v. s.^a

alguns momentos? Eu vou mandar alguém com quem converse.

O MORGADO. Eu vou vêr, á minha vontade, a memoria do Terreiro do Paço, e volto depois.

O BARÃO. Irá na minha carruagem, que vou logo ao ministerio da fazenda. Não o deixo sahir. (*Toca a campainha.*)

O MORGADO. Então vá lá arranjar a sua vida.

O BARÃO. (*Ao criado.*) Diga ás senhoras que venham fazer companhia ao sr. morgado. Até já. (*Sahe.*)

SCENA VI

O MORGADO (*só.*)

O MORGADO. (*Passeando.*) Diz o meu mano frade que não ha peito humano em que o deus-Cupido não faça estragos, mais hoje ou mais ámanhã. Desde que o barão me disse que eu podia ser marido da filha, comêço a sentir cá no interior uma coisa assim a modo de formigueiro. Eu não topei ainda creatura que tanto me enchesse as medidas. É boa d'uma vez!

SCENA VII

D. LEOCADIA, AS TRES DAMAS, e O MORGADO.

D. LEOCADIA. (*Entrando enfadada e ironica.*) Aqui estamos para o entretermos, sr. morgado de Fafe.

O MORGADO. Então, está melhorzinha?

D. LEOCADIA. Estou boa.

O MORGADO. É o que se quer.

(*Longo silencio. As damas bocejam, cada uma por sua vez, e igualmente o morgado, fazendo uma cruz na bóca.*)

D. LEOCADIA. Então que nos conta, sr. morgado? Gosta de Lisboa?

O MORGADO. Gósto muito; basta ser a terra da menina.

1.^a DAMA. Como sabe dizer coisas bonitas!

2.^a DAMA. Já amou, sr. morgado?

O MORGADO. Se já amei?! A quem?

3.^a DAMA. Se já se apaixonou?

O MORGADO. A menina porque diz isso? Conhece-me pelos olhos?

D. LEOCADIA. É desejo de saber se o seu coração está virgem.

O MORGADO. Já esteve, mas agora não está.

2.^a DAMA. Quer dizer que ama agora?

O MORGADO. Póde ser que sim. Ninguém está livre de pagar o tributo da mocidade.

1.^a DAMA. Querem vêr que se apaixonou em Lisboa!

D. LEOCADIA. Conte-nos isso.

3.^a DAMA. Está sentimental, não acham?

D. LEOCADIA. Ha não sei que de poetica melancolia n'este todo. Está na phase poetica do amor. Eu adivinho que é uma das minhas primas a ditosa Julieta d'este Romeu. Não é, sr. morgado?

O MORGADO. Não é o quê?

D. LEOCADIA. Não é uma das minhas primas a sua paixão?

O MORGADO. Qualquer d'ellas é bem bonita, mas... como o outro que diz... são gostos.

D. LEOCADIA. É uma d'ellas, aposto!

O MORGADO. Não atinou. Diz meu mano frade que onde está a lua cessam as estrellas.

3.^a DAMA. (*Rindo com as outras.*) A lua és tu, Leocadia!

D. LEOCADIA. Eu sou a lua, sr. morgado?

O MORGADO. Não desfazendo em ninguem...

D. LEOCADIA. (*Rindo.*) Por conseguinte, a ditosa sou eu?

O MORGADO. Isso veremos... O amor é cego, e ha coisas que parece que vem tiradas da baralha...

1.^a DAMA. Tens um condão fatal, prima!

2.^a DAMA. E's uma Labarrere. Não ha urso que te resista.

3.^a DAMA. Triumphos sobre triumphos! Faltava te este, Leocadia!

D. LEOCADIA. Estou vaidosa de inspirar-lhe um sentimento novo. Diga-me, com que pude eu prendê-lo?

O MORGADO. (*Tomando-lhe a mão, que leva aos labios.*) Com esta mãosinha.

D. LEOCADIA. (*Retirando a mão. Levantam-se todos.*) Ah! Polluiu-me!

SCENA VIII

AS MESMAS, O BARÃO, e PESSANHA.

PESSANHA. Minhas senhoras.... Como passou, prima Leocadia? O sr. morgado... rijo e intrepido, como um portu-guez dos bons tempos, não é assim? Olhe que tem já em Lisboa reputação de rico e valente. Não lhe falta nada para se fazer querido das damas, e respeitado dos homens.

O MORGADO. Em quanto a rico, tenho com que viver; a respeito de valentia, sou homem para o meu homem, e para dois, sendo necessario.

PESSANHA. (*Ironico.*) Estranho a seriedade com que se digna fallar-me. Dar-se-ha caso que eu incorra innocente no desagrado de v. s.^a? não me condemne, sem me ouvir.

O BARÃO. O sr. morgado não póde ter motivo algum de queixa do primo Pessanha. Está triste, ao que parece; mas em quanto a mim, são saudades da sua terra. Adivinhei?

O MORGADO. Não me sinto bom cá por dentro. Eu vou dar um passeio, e volto logo.

O BARÃO. Já sei o que precisa. Ó meninas, vão *lançar* com o sr. morgado, e Leocadia fica por alguns momentos comnosco. Vá morgado. Tem excellente fiambre, appetitosas sardinhas de Nantes, excellente *Porto e Bordeos*. Vão, me-ninas.

O MORGADO. E a sr.^a D. Leocadia não vem?

O BARÃO. Vae lá ter; preciso d'ella aqui.

O MORGADO. (*Afastando-se com o barão para um lado.*)
Com licença d'estes senhores, dê-me aqui uma palavra. Que ha de novo?

O BARÃO. Logo fallaremos, morgado... Espero que tudo se consiga á medida dos meus desejos.

O MORGADO. A menina casa com aquelle sugeito?

O BARÃO. Pude resolvel-o a isso.

O MORGADO. O senhor faz uma asneira quadrada.

O BARÃO. Porquê?

O MORGADO. (*Querendo retirar-se, e o barão retendo-o*)
Não lhe digo mais nada.

O BARÃO. Diga, não me deixe ficar perplexo.

O MORGADO. É o que lhe digo: faz uma asneira em casar sua filha com elle.

O BARÃO. Mas porque? Explique-se se é meu amigo.

O MORGADO. Quanto vale a casa d'aquelle janota?

O BARÃO. Poderá valer cem mil cruzados.

O MORGADO. Pois a minha casa vale perto de quatrocentos mil cruzados em propriedades; e eu d'aqui a oito dias, se Deus quizer, sou visconde de Fafe... Não lhe digo mais nada. (*Sahindo.*) Vamos ao presunto, meninas.

(*O barão fica meditativo.*)

SCENA IX

D. LEOCADIA. O BARÃO, e LUIZ PESSANHA

PESSANHA. Que lhe diria o alarve, que o deixou tão abstracto, primo barão?

O BARÃO. Uma coisa singular... Pediu-me a mão de Leocadia.

(*Pessanha e Leocadia riem-se.*)

PESSANHA. E o primo poudo ouvil-o sem responder-lhe com uma risada?!

O BARÃO. Eu não gósto de offender ninguém...

PESSANHA. Mas o seu ar pensativo denota o embaraço de quem ouviu a proposta como coisa séria!...

O BARÃO. Séria... não direi... mas foi uma surpresa, e... tudo que é surpresa, faz-me... faz-me uma certa confusão... Ó Leocadia, que te disse o morgado em quanto eu estive com teu primo?

D. LEOCADIA. Fez-me uma declaração muito tola.

PESSANHA. E a prima poudo ouvil-o com a seriedade de seu pae?

D. LEOCADIA. Ouvi-o a rir-me, e senti que a scena fosse tão depressa interrompida.

PESSANHA. Primo, acorde d'esse lethargo! Quer casar sua filha com o morgado de Fafe?

O BARÃO. Eu não disse tal...

D. LEOCADIA. Acho chiste á pergunta do primo Pessanha. Pelo que vejo, o casar eu com o morgado de Fafe é um acto em que a minha vontade não entra por coisa nenhuma...

PESSANHA. Como sei que é filha obediente...

D. LEOCADIA. Mas injuria meu pae, julgando-o capaz de me impôr despoticamente um similhante marido!... Nem fallemos n'isso, que me enoja.

PESSANHA. Prima Leocadia, tem reconhecido que eu a amo e prézo com todas as véras da minha alma?

D. LEOCADIA. Não duvido, primo Pessanha.

PESSANHA. Ha uma hora estavam mortas as esperanças de identifical-a á minha existencia; mas a fatalidade é inexoravel. Não posso esquecêl-a. Não posso culpál-a, senão para perdoar-lhe logo.

D. LEOCADIA. A indulgencia é a primeira virtude das almas generosas. Fez um acto de caridade, perdoando-me.

PESSANHA. Não sei quando a prima é ironica ou ingenua.

O BARÃO. Não ha ironia alguma. Leocadia, eu dei a teu primo a minha palavra de cavalheiro de que serás sua mulher. O teu coração confirma a palavra de honra de teu pae?

SCENA X

OS MESMOS, O MORGADO e AS DUAS DAMAS

(As damas seguem o morgado, dando grandes risadas.)

O MORGADO. (Indo direito ao barão.) São as moças mais patuscas que eu tenho visto! Teem o sangue na guelra o diacho das travêssas! Tomaram-me á sua conta, e não me largam! E o caso é que eu gó-to de todas, comø se fossem minhas parentas. Hão de ir passar um verão a minha casa a Fafe, e mais o tio. Não convido a sr.^a D. Leocadia, porque sei que vae tomar estado, e oxalá que seja feliz.

1.^a DAMA. (A Leocadia.) Não sabes quem está na sala do piano com a tua mamã? O João Leite.

O BARÃO. Pois elle está cá? Não sabia!

O MORGADO. Vem despedir-se... pobre rapaz!

O BARÃO. Despedir-se! Pois as côrtes ainda ha pouco se abriram, e elle retira já!?

O MORGADO. É verdade... O homem tem o coração ao pé da bocca, e levou uma amoladella mestra! Hontem fui dar com elle a chorar como uma creança; e tinha uma tosse de esgana que o ha de levar á sepultura no *vicio* da mocidade. De ha tres dias para cá peza menos arroba e meia. O amor quando péga déveras, é peor que a propria morte!

SCENA XI

OS MESMOS, A BARONEZA, JOÃO LEITE, e O MORGADO

O BARÃO. Seja bem apparecido, sr. João Leite! (A baro-

SCENA XIII

OS MESMOS, O JUIZ e O ESCRIVÃO

O JUIZ. Qual de v. ex.^{as} é o sr. barão de Cassurraens?

O BARÃO. Sou eu, senhor.

O JUIZ. (*Examinando o requerimento.*) É a exm.^a sr.^a D. Leocadia Ernestina de Magalhães?

(*Silencio de instantes.*)

O MORGADO. É aquella que está acolá.

JUIZ. (*Ao escrivão.*) Leia o requerimento.

ESCRIVÃO. (*Lendo.*) «Diz D. Leocadia Ernestina de Magalhães, filha de...

O BARÃO. Não diga o resto, sei o contheudo, ella sabe-o tambem.

JUIZ. (*A-Leocadia.*) Persiste na idéa de ser depositada judicialmente, para do deposito haver dispensa de consentimento paternal para o fim de contrahir matrimonio com o sr. (*Lendo o requerimento.*) Antonio Soares de Carvalho?

D. LEOCADIA. Sim, senhor.

O BARÃO. Sr. juiz, eu dou a requerimento consentimento para se casar com quem quizer.

JUIZ. Em tal caso cessa desde já a interferencia da lei n'este negocio.

O BARÃO. Quando o sr. Antonio Soares procurar o resultado da diligencia, pôde v. s.^a dizer-lhe que venha quando queira buscar a que ha de ser sua mulher.

ESCRIVÃO. O sr. Soares estava agora na loja fronteira do palacio de v. ex.^a

O BARÃO. Sim, tanto melhor. (*Toca a campainha.*)

O MORGADO. (*Ao ouvido do barão.*) Eu vou lá arrancar-lhe as orelhas...

O BARÃO. Tenha prudencia. (*Ao criado.*) Na loja fronteira está o sr. Antonio Soares, vá dizer-lhe, que é aqui esperado.

JUIZ. Eu congratulo-me pelo tão feliz como inesperado desfecho d'este caso, cujas consequencias são sempre desagradaveis. A moralidade publica e a felicidade domestica lucram sempre com resoluções d'esta especie.

O MORGADO. O sr. juiz, ainda que eu seja confiado, faz favor de me dizer, se um homem que não tem modo de vida, póde metter a justiça pela porta dentro d'um pae, e tirar-lhe a filha, para depois fazerem ambos cruces na bocca?

JUIZ. Dada tal hypothese, ao pae incumbe estorvar o casamento com rasões, que devem fazer peso na balança da justiça.

SCENA XIV

OS MESMOS e ANTONIO SOARES

O BARÃO. Entre sem acanhamento nem vergonha, sr. Soares. O MORGADO. Isso faz elle...

O BARÃO. Leocadia Ernestina de Magalhães requer dispensa de consentimento paterno para casar com Antonio Soares de Carvalho. É um requerimento ocioso. Dá-se amplo consentimento. Saibam, porém, os noivos que não tem a haver d'esta casa um ceutil. Os meus haveres hei de realisal-os em moeda dentro de quarenta e oito horas, e depois irei com minha mulher para o estrangeiro, onde me não chegue a noticia do arrependimento de dois desgraçados. Casem-se, embora, mas não appellem para a minha compaixão, quando a penuria lhes bater á porta. A miseria ha de castigal-os, mas eu quero, e hei de ignoral-a, porque me não deleito na vingança. Disse. (*Senta-se.*)

(*Silencio longo.*)

A BARONEZA. Leocadia, minha infeliz filha, teu pae quer salvar-te... Ainda é tempo...

O BARÃO. Sr. Soares! A sua paixão por minha filha não lhe inspira uma resolução nobre e admiravel na desgraça!

nha senhora? Tem dois na sua presença; um pediu-a a seu pae; e o outro confessou na presença de todos nós uma paixão que o ha de matar. Escolha. (*Arreda-se para a esquerda.*)

D. LEOCADIA. Eu não escolho; regeito-os a todos.

LEITE. (*Avança.*) Era escusado escolher, minha senhora. Em minha alma ha uma parte ferida de morte; mas ha uma outra, a da honra invulneravel. Não vim pedir-a para minha mulher; vim despedir-me. Cumpri, e se ainda aqui estou, foi porque o sr. barão pediu o meu testemunho n'um espectáculo de que levo uma impressão que me ha de curar.

BARÃO. Teve uma ridicula idéa, sr. Leite, regeitando minha filha que ninguem lhe offereceu. Saibam o sr. Pessanha e o sr. Leite, que a mão de Leocadia pertence ao meu presado e honrado amigo, o sr. morgado de Fafe.

O MORGADO. Eu vou-me embora tambem, sr. barão. Estes dois senhores deram as suas rasões, eu dou as mesmas rasões, e mais uma, e é que não quero casar, por quatro rasões; — primeira, porque meu irmão frade diz: «Antes que cazes, olha o que fazes; segunda porque...

O BARÃO. Basta. Saiam todos de minha casa...

O MORGADO. A segunda porque acho que está no seu direito.

O BARÃO. Torno-lhe a dizer, senhor, que...

O MORGADO. A terceira... porque... está no seu direito, e como não quer ouvir, sem mais...

O BARÃO. É de mais. Já, já fóra.

(*Sahem todos.*)

A BARONEZA. (*Cahindo desfallecida n'uma cadeira, as damas a rodeiam.*) Oh! meu Deus, um insulto d'estes!... Na minha idade...

O MORGADO. (*Tornando a entrar.*) Oh! O meu chapéu; queiram perdoar, porque me tinha esquecido o chapéu. (*Péga no chapéu faz uma reverencia e sahe a um signal do barão. Cae o panno.*)

FIM



PQ
9261
C3M63
1865

Castello Branco, Camillo
O morgado de Fafe em
Lisboa 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 05 018 4